



GD1

NAS TRILHAS DA DIVERSIDADE, ESPAÇOS EM BUSCA DA IGUALDADE: FIOS E TRAMAS QUE TECEM “PRETINHA, EU?”

Maria Letícia Costa Vieira¹

Patrícia Cristina de Aragão²

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

*Viver em qualquer parte do mundo
hoje e ser contra a igualdade por
motivo de raça ou cor é como viver no
Alasca e ser contra a neve.
William Faulker.*

RESUMO:

Este trabalho discute sobre a questão étnico-racial, na perspectiva da negritude no contexto da literatura infanto-juvenil. O objetivo geral deste artigo é refletir e problematizar a questão racial na literatura infanto-juvenil destacando o lugar da juventude, tendo por base a obra literária. Nossa proposta é através do diálogo da literatura com a história promover a discussão acerca da discriminação e preconceito em relação às pessoas negras na educação escolar. Como referencial teórico trabalhamos na perspectiva dos autores Coelho e Coelho (2015) no debate sobre preconceito, Toller (2007) e as discussões sobre literatura afro-brasileira, em Rezende e Maggie (2001) discutimos sobre raça e diferença. Tomamos como fonte de pesquisa e análise a obra “*Pretinha, Eu?*” de Júlio Emílio Braz que trata das tendências preconceituosas encontradas no âmbito escolar como também da discriminação que jovens de cor negra sofrem. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que utilizamos como fontes e pesquisa a obra literária. Por meio dela, problematizamos as formas como devemos abordar a temática racial na escola e na sala de aula, levando em consideração que a escola constitui um importante espaço na vida dos jovens e adolescentes. Além de enfatizar a importância de trabalhar com a literatura afro-brasileira na sala de aula e no cotidiano em geral buscamos traçar o percurso do negro na literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Infanto-juvenil. Discriminação. Preconceito. Escola. Literatura.

¹ Graduanda em História, Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/PROPESQ/CNPq.

E-mail: lcosta3007@gmail.com

² Professora de História. Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: patriciacaa@yahoo.com



1 INTRODUÇÃO

Torna-se imprescindível a inserção da literatura Afro-Brasileira e Africana na educação como um todo, uma vez que trará contribuições para a desconstrução do imaginário preconceituoso, estabelecendo a importância do povo africano e de afro-brasileiro, sua história e cultura na construção da história brasileira, levando em consideração o processo de colonização, valorizando-os positivamente por meio da escola, buscando mecanismos de transformação social para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária nas relações culturais e na união de forças para a valorização da diversidade.

Este trabalho discute sobre a questão étnico-racial, na perspectiva da negritude no contexto da literatura infanto-juvenil. O objetivo geral deste artigo é refletir e problematizar a questão racial na literatura infanto-juvenil destacando o lugar da juventude, tendo por base a obra literária. Como objetivos específicos, apresentamos as seguintes propostas: Discutir sobre o autor e sua obra, Júlio Emílio Braz; Refletir sobre o lugar da literatura afro-brasileira e sua importância na discussão da questão racial na escola. Por último realizamos a análise da obra e sua discussão no campo da educação.

Nossa proposta é através do diálogo da literatura com a história promover a discussão acerca da discriminação e preconceito em relação às pessoas negras na educação escolar. Como referencial teórico trabalhamos na perspectiva de Coelho e Coelho (2015) no debate sobre preconceito, Toller (2007) e as discussões sobre literatura afro-brasileira, em Rezende e Maggie (2001) discutimos sobre raça e diferença. Tomamos como fonte de pesquisa e análise a obra “Pretinha, Eu?” de Júlio Emílio Braz que trata das tendências preconceituosas encontradas no âmbito escolar como também da discriminação que os jovens de cor negra sofrem.

O discurso cultural afro-brasileiro, tanto no sentido amplo do termo quanto especificamente nas manifestações escritas aqui enfocadas, nunca perdeu de vista a questão da exclusão e da marginalidade - exercendo aquilo que, em outro momento, chamamos a inscrição do excluído. (TOLLER, 2007, p.34).

É possível identificar, na produção literária ao longo do processo em que a literatura brasileira tem sido evidenciada, estereótipos reduplicadores da visão preconceituosa, explícita. Dessa forma esse trabalho, procura marcar a ultrapassagem do estereótipo e a assunção do negro como sujeito do seu discurso e de sua ação em defesa da identidade cultural.



Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que utilizamos como fontes de pesquisa a obra literária. Por meio dela, problematizamos as formas como devemos abordar a temática racial na escola e na sala de aula, levando em consideração que a escola constitui um importante espaço na vida dos jovens e adolescentes. Além de enfatizar a importância de trabalhar com a literatura afro-brasileira na sala de aula e no cotidiano em geral buscamos traçar o percurso do negro na literatura brasileira.

Nessa direção, selecionamos o livro “*Pretinha, Eu?*” do autor Júlio Emílio Braz, nascido em 16 de abril de 1959, na pequena cidade de Manhumirim. É considerado um autodidata, aprendendo coisas com extrema facilidade. Adquiriu o hábito de leitura aos seis anos. Iniciou sua carreira como escritor de roteiros para histórias em quadrinhos, publicadas no Brasil, Portugal, Bélgica, França, Cuba e EUA. Já publicou mais de cem títulos. Em 1988 recebeu o Prêmio Jabuti pela publicação de seu primeiro livro infanto-juvenil: *Saguairu*. É considerado um excelente ilustrador e escritor.

Este texto, portanto, trata de um diálogo a literatura afro-brasileira infanto-juvenil trazendo a perspectiva da juventude na escola e a relação dos jovens entre si sobre diversas temáticas, tais como: discriminação racial, preconceito, problemas familiares e desigualdade social. É por meio desses conflitos que percebemos o quanto as condições sociais são fundamentais na conformação juvenil e cultural, posto ser por meio delas que a experiência se concretiza. Wilma Coelho afirma:

Mais do que afinidades, os adolescentes/juvenis buscam semelhanças. A diferença é vista com desconfiança e até mesmo desconforto. No entanto, os parâmetros de semelhante sofrem mudanças ao longo do tempo. As práticas discriminatórias compõem o cotidiano dos adolescentes. (COELHO, 2015, p.45).

Para a realização desse trabalho utilizamos como fonte a literatura, de forma mais específica a literatura voltada para abordagem da cultura afro-brasileira, proporcionando assim um maior conhecimento sobre a expressão cultural afro-brasileira e as maneiras como esta é multifacetada e indispensável na construção de uma nova mentalidade. Este artigo está dividido em três tópicos, sendo eles: Introdução, Literatura Afro-Brasileira na Escola e Trama de “*PRETINHA, EU?*” a escola e o lugar da discriminação em relação às pessoas negras.



2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA

A escola é um espaço social que necessita de grandes transformações com a intenção de cumprir o seu papel na sociedade, que é educar para conviver em sociedade. A realidade educacional brasileira confirma que a escola mesmo diante das mudanças ocorridas com relação a sua estrutura e funcionamento, a maioria ainda encontra-se no plano de suas concepções teóricas e práticas alienadas a modelos pré-estabelecidos e, até mesmo a modelos estereotipados.

Assim foi-se elaborando, em seu dinamismo próprio, a multifacetada expressão cultural afro-brasileira da qual a face escrita é uma das mais jovens manifestações. As origens dessa expressão perdem-se nas densidades anônimas dos séculos escravistas. (TOLLER, 2007, p.35).

Dessa forma, a implementação de uma literatura relacionada ao negro e a sua cultura, vem a partir da implementação da lei 10.639/2003 que propôs a inserção da história e cultura afro-brasileira no campo da história, literatura e educação artística. Neste trabalho focalizaremos nossas discussões a partir da literatura. Este tipo de literatura, muitas vezes é deixada de lado nas escolas, e isso deriva de uma série de pensamentos, representações e imagens negativas que o senso comum construiu e alimentou sobre as culturas afro-brasileiras, porque entende que essas imagens que insistem em permanecer no nosso imaginário reforçam antigos preconceitos que impedem o crescimento igualitário do país.

A literatura afro-brasileira subtrai do discurso dominante as presumíveis univocidades na medida em que a sua escrita rasura e subverte a construção das narrativas da história oficial, investindo em outras possibilidades de elaboração. É uma escrita que acrescenta, nega, questiona, incomoda. (DHYTTA, 1995, p. 122).

Nas palavras da jovem poeta, é possível entender melhor, o porquê da literatura afro-brasileira não está tão presente na sala de aula, existe um receio da desconstrução da história oficial, como no campo da literatura durante séculos os negros não foram destacados neste cenário como protagonistas ou pertencentes à constituição do povo brasileiro. Assim como poucos escritores tiveram destaque em suas obras. Somente a partir da metade do século XIX que os escritores começam a tematizar o papel do negro na sociedade, no entanto de forma artificial, sem ser tratado como brasileiro.

A partir de 2003 com a implementação da Lei 10.639/2003, que o debate ampliou pois esta lei foi promulgada com a intenção de criar uma



nova dinâmica nas escolas. Instalada pelas determinações legais, gestores e professores teriam que procurar alternativas para fazer frente nas temáticas de História da África e de Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares do Ensino Fundamental. Mas no cotidiano das escolas, a situação muda, o incentivo que essa lei proporciona não é bem utilizado e resultados positivos não acontecem, de acordo com sua proposições esta lei estabelece os seguintes aspectos:

Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira; § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo de História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

Como sabemos, a cultura popular brasileira tem uma forte característica do povo negro como no seu vocabulário, na culinária, na religiosidade e em diversos aspectos do nosso cotidiano, que torna indispensável à presença da História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas, as pessoas são preconceituosas simplesmente por falta de informação, por um discurso preconceituoso muitas vezes repetido e com o ensino e a presença da literatura afro na escola esse quadro pode ser mudado. Nesse cenário, compreendemos então o quanto é importante à construção e reelaboração de saberes afro-brasileiros para a ação conscientizadora e educativa.

3 TRAMA DE “PRETINHA, EU?” A ESCOLA E O LUGAR DA DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS NEGRAS

Na trama do livro, Vânia (personagem principal) passa por diversos casos de discriminação racial e preconceitos por sua classe social dentro da escola e da sala de aula, nesse caso a Escola torna-se o universo principal no qual as relações sociais acontecem, e são construídas, firmadas e amadurecidas. Na história de Júlio Emílio Braz ela é o lugar onde os primeiros pré-conceitos são formados e colocados na prática do cotidiano e reconhecidos pela escola a princípio como simple indisciplina. Quando na verdade, a naturalização da violência verbal tem desdobramentos perniciosos, sobretudo para estudantes negros.



Figura 1

Capa do livro- Pretinha, Eu?



Fonte: Pretinha, eu? Júlio Emilio Braz

Trabalhar com esse tipo de literatura torna possível uma maior compreensão de como determinadas problemáticas nascem e enraizam na mentalidade das crianças e adolescentes. E no âmbito escolar é onde a transformação da mentalidade deve ser efetuada através da educação e do ensino voltado à igualdade. As novas expressões culturais definem o que é jovem e a forma como as mentalidades são construídas, desse modo forçamos ainda mais a ideia de que é preciso novas formas de implementar a História da África e o estudo da Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares.

Sobretudo, este trabalho permite desenvolver olhares para novas formas de trabalharmos a literatura afro-brasileira nas escolas levando em consideração a importância do negro na construção da sociedade em que vivemos hoje e a forma como essas problemáticas prejudicam na formação de seres humanos livres de problemas tão recorrentes. Nosso objetivo é fazer visíveis metodologias que possibilitam uma maior aprendizagem dos alunos e um maior interesse por literatura e cultura afro.



Figura 2



Fonte: Pretinha, eu? Júlio Emílio Braz

O escritor Júlio Emílio Braz torna o diálogo sobre discriminação e preconceito racial mais claro e de fácil entendimento em seu livro, desde o prefácio ele consegue deixar a relação entre leitor e escritor mais íntima com uma espécie de desabafo, quando relata nas primeiras linhas:

Eu só descobri que era negro aos vinte e poucos anos. [...] Eu vivia confortavelmente instalado dentro de palavras falsamente carinhosas do tipo “moreno” e “mulato” ou em termos simplesmente alienígenas, como “cidadão de cor” ou o famigerado “pardo” de minha certidão de nascimento. Meus sentimentos em relação a minha cor ou a minha etnia eram simplesmente embranquecidos. (BRAZ, 2008).

A ação embranquecedora da etnia é uma situação muito comum em nossa sociedade, à forma como renegamos a etnia negra faz com que muitos negros se sintam a vontade sendo chamados por termologias como “moreno” ou “cidadão de cor”, o que contribui negativamente na construção de uma sociedade sem preconceitos, quando os próprios negros não se sentem negros. “Pretinha, Eu?” traz em suas páginas, antes mesmo de ser um livro ou uma simples pergunta, muitas dúvidas, anseios e até medos sobre os falsos conceitos e termologias que a etnia negra tem. A história do livro acontece quando uma garota negra chamada Vânia ganha uma bolsa de estudos em um



colégio que só pessoas brancas estudavam, o Colégio Harmonia. A chegada da nova aluna causou muita confusão, principalmente para um grupo de amigas que não suportava a ideia de estudar com uma pessoa negra.

Porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna.

Por quê?

Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul.

O impacto foi tão grande que a primeira reação das pessoas, pais e alguns professores – foi de espanto. E dos grandes. Era algo surpreendente.

(Pretinha, Eu? 2008, p.3).

O preconceito de cor e de raça tem uma longa trajetória no Brasil, que dura desde a escravidão, até os nossos dias. É parte importantíssima de nossa história, e está presente em debates de nosso cotidiano. No trecho acima do livro que estamos trabalhando, observamos uma situação dessas, do cotidiano, que encontramos lugares com a falta de presença de pessoas na cor negra, devido à desigualdade social e a disparidade entre classes. No livro, o lugar de pessoas da cor de Vânia é na escola pública, onde tem vários iguais a ela.

As primeiras teorias sobre racismo no Brasil, baseadas nos estudos de Gilberto Freyre, pregavam que a discriminação racial em nosso país era diferente do resto do mundo e principalmente dos Estados Unidos. Acreditava-se que no Brasil, devido a um certo caráter benigno do nosso sistema escravista, o racismo era mais brando, quase inexistente. (REZENDE, 2001, prefácio).

Por mais que nosso país apresente uma sociedade completamente mistificada, o preconceito e a discriminação racial estão enraizados em nossa mentalidade, no nosso cotidiano e nas nossas atitudes. No trecho acima, Rezende relata que segundo Gilberto Freyre a discriminação deveria ser mais branda, porém conseguimos encontrar uma situação contrária, a ideia de raça na atualidade continua sendo uma complicação, devido à forma como a nossa mentalidade foi construída.

O livro que usamos como base para este artigo, assim como o livro de Rezende, trabalha com a retomada do debate sobre a ideia de raça na atualidade. Vânia sabe que é negra, e isso não a faz menor que ninguém, mas na trama encontramos uma personagem peculiar chamada Bel, que enfrenta uma espécie de negação na sua família quanto à cor da família do seu pai e a sua própria cor:



O mais engraçado é que, ao contrário da mãe da Carmita, que é casada com um homem branco, a minha é casada com o meu pai, que é negro. Ele pode ficar dizendo que é mulato e a minha mãe pode presenteá-lo com um “moreno” dos mais simpáticos, mas ele é negro.

Será que minha mãe já notou? (Pretinha, Eu? 2008, p.28)

Casos como esse do livro é o que alimenta ainda mais o preconceito racial, termos como “moreno”, “mulato” e “homem de cor” deveriam ser substituídos naturalmente por “negro”, e o estudo dessas literaturas infanto-juvenis nas escolas é o que torna possível uma quebra de tabus e uma maior aceitação e reconhecimento da etnia negra e da sua cultura. A literatura tem o poder de mudar situações como “Preto de alma branca” e “É preto, mas é boa gente” os negros são gente, são seres humanos, e merecem tanto respeito quanto qualquer outra pessoa.

Ao longo de “Pretinha, Eu?” conseguimos analisar a forma como ao longo do tempo os alunos foram se aproximando de Vânia e a forma como Bel foi se descobrindo cada vez mais negra e parecida com Vânia. São por detalhes como esses que essa obra se torna de extrema importância para a discussão étnico-racial nas escolas e na sociedade em geral, é a forma como tiramos o preconceito do papel e começamos a lidar de forma verdadeira com ele.

Preconceito, né? Apesar de tudo o que ouvimos naquela semana, o preconceito não acaba com belas palavras ou com boas intenções. Ele acaba verdadeiramente quando começamos a respeitar um ao outro nossas diferenças. (Pretinha, Eu? 2008, p.45-46).

A citação acima nos faz perceber o quanto precisamos trabalhar com a temática racial nas salas de aula e lembra que para acabarmos verdadeiramente com o preconceito e suas derivações nas escolas e na sociedade em geral, a luta é enorme e precisamos de diversas iniciativas que fortaleçam a identidade cultural e histórica africana como também a importância dessa etnia para nós, tendo em vista que somos todos iguais e que o respeito para com o outro é a base para uma sociedade livre de pré-conceitos e discriminações, seja em qual âmbito for.



Figura 3



Fonte: Pretinha, eu? Júlio Emilio Braz



REFERÊNCIAS

BRAZ, Emílio Júlio. Pretinha, Eu? São Paulo, Scipione, 2008.

COELHO, Wilma de N. Baía & COELHO, Mauro Cezar. Preconceito e discriminação para além das salas e aula: sociabilidades e cultura juvenil no ambiente escolar; Disponível em: www.academia.edu/19714000/PRECONCEITO_E_DISCRIMINA%C3%87%C3%83O_PARA_AL%C3%89M_DAS_SALAS_DE_AULA_SOCIABILIDADES_E_CULTURA_JUVENIL_NO_AMBIENTE_ESCOLAR

Lei 10.639/2003 Disponível em: www.sec.ba.gov.br/jp2011/legislacao/lei_10639.pdf

REZENDE, Claudia Barcellos & MAGGIE, Yvone. Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001;

TOLLER, Heloisa. Literatura afro-brasileira: espaços de silêncio e voz;

Disponível em: www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/50080/54200